

O trabalho como protoforma da atividade humana

Work as a protoform of human activity

El trabajo como protoforma de la actividad humana

Recebido: 23/11/2022 | Revisado: 01/12/2022 | Aceitado: 02/12/2022 | Publicado: 11/12/2022

Eugênio Alves Cardoso

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5496-9939>
Instituto federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil
eugenio.alves05@aluno.ifce.edu.br

Kelly Henrique Tamiarana

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7369-618X>
Instituto federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil
E-mail: tamiarana.kelly82@aluno.ifce.edu.br

Regina Maria Teixeira

ORCID: <https://orcid.org/1000.00021304.2213>
Instituto federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil
regina.maria46@aluno.ifce.edu.br

Emanoel Rodrigues Almeida

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9787-0851>
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil
E-mail: emanoel.almeida@ifce.edu.br

Fabiano Geraldo Barbosa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9303-9523>
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Brasil
E-mail: fabiano.barbosa@ifce.edu.br

Resumo

A produção material de riquezas através do trabalho permitiu o salto ontológico do gênero humano, permitindo a passagem de ser biológico para ser social. Foi a partir do trabalho teleologicamente orientado que o ser humano pôde se organizar em sociedade. Assim sendo, o trabalho é entendido como a atividade fundante das demais atividades humanas, sendo essencial para o desenvolvimento da sociedade. Porém, no sistema capitalista o trabalho deixou de ser essencial para o desenvolvimento do gênero humano, tornando-se essencial para o desenvolvimento do capital, no qual o trabalho possui valor de troca, e não de uso. Dito isto, este estudo tem o objetivo de reafirmar a visão Lukacsiana de trabalho como protoforma da atividade humana, do qual se originam as demais formas de sociabilidade. Trata-se de um estudo qualitativo de cunho bibliográfico, ancorado em autores como Karl Marx, Gyorgy Lukács e Sérgio Lessa, entre outros autores de base marxista. Como resultados e discussões, atentamos para o fato de que o trabalho é a protoforma para as demais atividades humanas, como a arte, a educação, a política etc. Embora estas atividades, devido às suas especificidades, mantenham uma relação de autonomia com o trabalho, também mantêm uma relação de dependência ontológica.

Palavras-chave: Trabalho; Protoforma; Sociabilidade.

Abstract

The material production of wealth through work allowed the ontological leap of the human race, allowing the transition from being biological to being social. It was based on teleologically oriented work that human beings were able to organize themselves in society. Therefore, work is understood as the founding activity of other human activities, being essential for the development of society. However, in the capitalist system, work ceased to be essential for the development of humankind, becoming essential for the development of capital, in which work has exchange value, not use value. That said, this study aims to reaffirm the Lukacsian view of work as a protoform of human activity, from which other forms of sociability originate. This is a qualitative bibliographical study, anchored in authors such as Karl Marx, Gyorgy Lukács and Sérgio Lessa, among other Marxist-based authors. As results and discussions, we pay attention to the fact that work is the prototype for other human activities, such as art, education, politics, etc. Although these activities, due to their specificities, maintain a relationship of autonomy with work, they also maintain a relationship of ontological dependence.

Keywords: Work; Prototype; Sociability.

Resumen

La producción material de riqueza a través del trabajo permitió el salto ontológico de la raza humana, permitiendo el paso de ser biológico a ser social. Fue sobre la base de un trabajo orientado teleológicamente que los seres humanos

podieron organizarse en sociedad. Por tanto, el trabajo se entiende como la actividad fundante de las demás actividades humanas, siendo esencial para el desarrollo de la sociedad. Sin embargo, en el sistema capitalista, el trabajo dejó de ser esencial para el desarrollo de la humanidad, pasando a ser esencial para el desarrollo del capital, en el que el trabajo tiene valor de cambio, no de uso. Dicho esto, este estudio pretende reafirmar la visión lukacsiana del trabajo como protoforma de la actividad humana, a partir de la cual se originan otras formas de sociabilidad. Se trata de un estudio bibliográfico cualitativo, anclado en autores como Karl Marx, Gyorgy Lukács y Sérgio Lessa, entre otros autores de base marxista. Como resultados y discusiones, prestamos atención al hecho de que el trabajo es el prototipo de otras actividades humanas, como el arte, la educación, la política, etc. Si bien estas actividades, por sus especificidades, mantienen una relación de autonomía con el trabajo, también mantienen una relación de dependencia ontológica.

Palabras clave: Trabajo; Prototipo; Sociabilidad.

1. Introdução

O trabalho é o ato que funda o mundo dos homens, pois permitiu o salto ontológico do ser humano da esfera orgânica para a esfera social. A gênese do gênero humano como ser social está na produção de riqueza material, que ocorre a partir do trabalho teleologicamente orientado para um fim. Enquanto o ser orgânico, a exemplo de uma abelha, exerce sua função apenas por instinto, o ser social tem consciência do que está produzindo. O “que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador” (Marx, 2015, p.188).

O trabalho permite uma dupla transformação, uma vez que o ser humano que trabalha também é transformado por seu trabalho, ou seja, ele atua sobre a natureza exterior transformando-a, ao mesmo tempo que transforma também a sua própria consciência. (Lukács, 2016). Entretanto, o ser social não se reduz somente ao trabalho, pelo contrário, o trabalho dá origem a uma complexidade de relações sociais, que embora distintas, possuem uma dependência ontológica em relação ao trabalho (Tonet, 2007).

Com a evolução da propriedade privada, em especial na sociedade capitalista, as atividades humanas afastaram-se de sua essência ontológica, essenciais para a reprodução do gênero humano, e tornaram-se alienadas ao capital, sendo essenciais para a reprodução deste sistema. Neste contexto, se faz necessário distinguir o trabalho no sentido ontológico, produtivo, essencial para a reprodução humana, do trabalho abstrato, entendido como uma necessidade de reprodução do capitalismo. Tal distinção é de grande importância para afastar o risco de uma desordem conceitual, que geralmente confunde o leitor não especializado no campo do marxismo ontológico.

Dito isto, este estudo busca reafirmar a centralidade do trabalho para a reprodução do ser social, a partir da ontologia lukacsiana. O surgimento de outros complexos sociais, que estão ontologicamente ligados ao trabalho, não invalida a centralidade do trabalho nas relações humanas. No contexto atual, de negação do marxismo por parte considerável da sociedade (inclusive da sociedade acadêmica), faz-se necessário reafirmar a centralidade ontológica do trabalho, pois ao entender a gênese do trabalho e do ser social, é possível pensar em uma sociabilidade humana para além das relações capitalistas de produção.

Para nortear o debate, traçamos como objetivo geral compreender o trabalho como protoforma das demais atividades humanas, a partir da visão Lukacsiana de ontologia do ser social. São objetivos específicos: a) entender a concepção ontológica do trabalho, em contraposição ao trabalho abstrato; b) compreender os conceitos de teleologia e causalidade e; c) objetivação e exteriorização.

2. Metodologia

O método que norteia este estudo ancora-se na concepção lukacsiana da ontologia do ser social, no qual entende-se que o trabalho é a categoria social que origina todas as outras atividades, ou seja, o trabalho é protoforma da atividade humana.

É do trabalho que se originam as demais atividades sociais que, embora não sejam reduzidas ao trabalho, têm origem a partir do trabalho. “Todas elas têm uma relação de dependência ontológica em relação ao trabalho, mas a função que são chamadas a exercer exige que elas tenham em relação a ele uma distância” [...] (Tonet, 2007 p. 21).

Portanto, é um estudo com base epistemológica pautada no marxismo, no qual é possível investigar o objeto em sua estrutura e dinâmica como ele é, independente dos desejos ou da vontade do pesquisador (Netto, 2011). Assim, em uma visão ontológica marxista, “o objeto diz através do sujeito o que ele é. O objeto se torna, assim, o centro da reflexão, precisamente por possuir uma lógica que cabe em si mesmo” (Barbosa et al., 2017, p. 145). Neste contexto, a teoria deve representar a realidade objetiva, afastando-se ao máximo da subjetividade, sendo necessário partir da terra - mundo real - para o céu - mundo das ideias. (Marx, 2009). Ao contrário, incorre-se no risco de representar uma falsa realidade.

Para o percurso metodológico optou-se por uma pesquisa qualitativa, pois buscou-se compreender a realidade a partir das interações de grupos sociais, preocupando-se com o processo e não simplesmente com o resultado ou produto (Godoy, 1995). Trata-se de um estudo bibliográfico, uma vez que as ferramentas usadas para a obtenção dos resultados estão fundamentadas essencialmente na consulta a livros e artigos científicos, no qual destacamos como aporte teórico Marx (2015) Lukács (2012;2016), Lessa (2001;2012;2015) Tonet (2013;2016), entre outros autores do campo marxista.

Para uma melhor compreensão da temática abordada, este estudo divide-se em quatro partes: na primeira parte analisamos, de forma didática, o conceito de trabalho no sentido ontológico, como fundador da sociabilidade humana, na segunda parte analisaremos a estrutura interna do trabalho, que é resultado da articulação entre de teleologia e causalidade, na terceira parte analisaremos os conceitos de objetivação e exteriorização e na última parte nos debruçamos sobre o conceito de trabalho abstrato, que difere do trabalho no sentido ontológico.

3. Resultados e Discussões

3.1 O Trabalho na ontologia do ser social

Esta seção tem por objetivo situar o leitor em relação a categoria trabalho, que fundamenta a ontologia do ser social. A ideia de escrever didaticamente sobre esta temática surgiu a partir da observação, por parte dos autores, das dificuldades de leitores iniciantes em compreender a ontologia de Lukács. Muitas vezes, o não entender leva ao não gostar ou a não aceitar uma determinada teoria. Portanto, para compreender a ontologia de Lukács é essencial a compreensão da categoria trabalho.

Primeiramente analisaremos o trabalho como valor de uso, concreto, essencial para a reprodução do ser social. O conceito de trabalho na ontologia do ser social, define-se como a relação do homem com a natureza, no qual, através da transformação da natureza, o homem¹ produz e reproduz os meios para a sua própria existência (Saviani, 2007). A passagem do homem como simples animal biológico para homem como ser social se deu através do trabalho teleológico, na medida em que o pôr teleológico torna essa atividade radicalmente nova em relação às atividades executadas por outros seres biológicos (Barbosa, 2016). Segundo Marx (2015):

Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e uma abelha envergonha muitos arquitetos com a estrutura de sua colmeia. Porém, o que desde o início distingue o pior arquiteto da melhor abelha é o fato de que o primeiro tem a colmeia em sua mente antes de construí-la com a cera. No final do processo de trabalho, chega-se a um resultado que já estava presente na representação do trabalhador no início do processo, portanto, um resultado que já existia idealmente (Marx, 2015, p.188)

É neste contexto que Lukács atribui o salto ontológico da esfera orgânica (abelha, aranha) para a esfera social. “O homem que trabalha usa as propriedades mecânicas, físicas e químicas das coisas para submeter outras coisas ao seu poder,

¹ Quando usamos a palavra homem estamos nos referindo ao gênero humano de modo geral e não ao sexo masculino.

atuando sobre elas de acordo com o seu propósito” (Lukács, 2012, p.286). Assim, a existência da esfera social só é possível a partir da esfera inorgânica e da esfera orgânica, ou seja, o ser social mantém uma relação indissociável com a natureza.

É a partir do trabalho consciente (teleológico), orientado para a produção de riqueza material, que o homem se torna social. Se o tecelão executasse sua função ao mesmo modo da aranha, somente por determinação instintiva, ambos estariam em um mesmo patamar de evolução: seriam animais irracionais, agindo apenas por determinação biológica. (Bonacini, 2016). O que diferencia a atividade humana da atividade praticada pelos demais seres vivos é o agir teleológico a partir do trabalho. Segundo Lessa (2012):

O trabalho ... é a atividade de transformação da natureza pela qual o homem constrói, concomitantemente, a si próprio como indivíduo e a totalidade social da qual é partícipe. É a categoria decisiva da autoconstrução humana, da elevação dos homens a níveis cada vez mais desenvolvidos de socialidade. (Lessa, 2012 p. 26)

O trabalho remete sempre à criação do novo, algo que é exclusivo do ser social. Somente o ser social tem a característica da reprodução de sua existência (Barbosa, 2016). A aranha jamais irá produzir algo diferente de sua teia, pois esta atua apenas pelo instinto biológico. Portanto, é sobre este conceito de trabalho que se desenvolve a ontologia de Lukács: o trabalho com valor de uso, que é essencial para a reprodução do gênero humano e que dele se originam outras atividades do ser social.

“Não é exagero afirmar que o trabalho criou o homem enquanto animal humano, e por isso, produtivo” (Almeida & Almeida, 2021, p.22), uma vez que o trabalho permite a produção social de bens materiais e ocupa um lugar central na “gênese e no desenvolvimento do ser social. Pelo seu caráter de transição, ela permite a passagem da forma do ser orgânico à forma do ser social” (Almeida, 2017, p.41)

Com base em Lessa (2001;2013) vamos propor, para fins didáticos, o seguinte exemplo: imagine um pescador em um rio qualquer. Esse pescador, tem sua tática de pesca similar a um urso, esperando o peixe passar na correnteza para se lançar sobre ele. Porém, diferente do urso, esse pescador consegue imaginar e construir alguma armadilha que o permita pescar além da correnteza. Para isso, escolhe um tipo de madeira específica, que flutue com facilidade, ou seja, não pode ser qualquer tronco, é necessário um tronco específico. Após construir a armadilha que conhecemos como canoa, o pescador pode agora pensar em construir ferramentas até então inimagináveis, como uma rede para pescar em profundidade. A partir da canoa também é possível que o pescador ensine outras pessoas a construir canoas, ou que pessoas possam cantar sobre canoas etc.

Neste exemplo destacamos o trabalho como valor de uso, essencial para o desenvolvimento da humanidade. O pescador, ao pensar e construir a canoa passa a diferenciar-se do urso, deixando sua forma instintiva (esfera biológica) e passando a produzir sua própria existência, tornando-se ser social. Com a canoa, ele não mais precisa esperar o peixe passar pela correnteza, pode ir pescar em lugares até então inacessíveis.

Ao mesmo tempo em que transforma o meio natural, o ser social transforma a si mesmo, deixa de ser um ser-em-si tornando-se um ser-para-si. Com o pôr teleológico no trabalho o homem se afasta do ser natural, tornando-se cada vez mais social, permitindo “a superação tendencial das formas e dos conteúdos de ser meramente naturais em formas e conteúdos sociais cada vez mais puros, mais próprios” (Lukács, 2012, p. 287).

Ao transformar a natureza para atender suas necessidades imediatas, o homem que participa desta ação não é mais o mesmo homem. A criação do novo permite impulso ontológico em direção às sociabilidades cada vez mais complexas e ricas. Portanto, o desenvolvimento social consubstancia o crescimento das “capacidades humanas para produzir os bens materiais necessários à sua reprodução” (Lessa, 2001, p.95).

3.2 Teleologia e causalidade

A teleologia é uma ação [abstrata] previamente idealizada e orientada para um fim, ou seja, a teleologia está diretamente relacionada com a capacidade do ser humano de pensar e produzir o novo. “Por sua natureza [é] uma categoria posta: todo processo teleológico implica uma finalidade e, portanto, uma consciência que põe um fim” (Lessa, 2012, p. 61). Neste sentido, trata-se de uma categoria exclusiva do gênero humano, uma vez que é somente no gênero humano que se nota a capacidade de produzir o novo, através do trabalho.

No nosso exemplo, o momento em que o pescador entende ser necessário pescar além da correnteza, e para isso precisa construir algo que o ajude a executar essa tarefa, ou seja, o momento de planejamento que antecede a ação é onde ocorre o pôr teleológico. A canoa não é somente um tronco de árvore, ela é pensada, tem proa, popa, comprimento, largura etc. Assim, antes de construir a canoa, o pescador a desenhou primeiro em sua mente (previamente idealizado), com especificidades que o permitisse pescar em outros lugares, que antes de sua construção era impossível (orientada para um fim).

Um Urso, ou qualquer outro animal, não tem capacidade de construir algo que o ajude a pescar, não tem consciência que precisa evoluir para pescar com maior eficiência. A ontologia do ser social rejeita “toda forma generalizada de teleologia, não apenas na natureza inorgânica e orgânica, mas também na sociedade, restringindo sua validade aos atos singulares do agir humano-social, cuja forma mais explícita e cujo modelo é o trabalho” (Lukács, 2012, p. 343) Portanto, é inequívoco afirmar que a teleologia, na visão lukacsiana, é exclusiva do gênero humano e se manifesta a partir do trabalho.

Entendido o conceito de teleologia, nos deteremos agora à causalidade, que pode ser definida como o princípio de automovimento que repousa em si mesmo (Lessa, 2013). Para construir a canoa o homem precisou de matéria prima da natureza, no caso a madeira. Entretanto, não pode ser qualquer madeira. Se a canoa for construída com troncos de Angelim-pedra, com certeza não irá flutuar. Para realizar a tarefa, o tronco precisa ser leve, e de preferência não muito duro, para facilitar o processo de esculpir. Portanto, para construir sua embarcação, o pescador precisa que no meio natural se encontre a madeira específica, caso contrário, não conseguirá construir a armadilha. A escolha do tronco não se dá por acaso, mas sim porque a madeira específica atende a uma necessidade específica.

Neste sentido, é inequívoco afirmar que o conceito de causalidade dada se refere a matéria ou a condição ofertada pela natureza em um determinado momento ou ambiente, que permite ao ser social materializar sua subjetividade. Assim, da articulação entre causalidade e teleologia surge a prévia ideação. O pescador já tem desenhada a canoa em sua mente (teleologia) e sabe já qual material usar para construí-la (causalidade). Agora, “Pela prévia-ideação, as consequências da ação são antevistas na consciência, de tal maneira que o resultado é idealizado (ou seja, projetado na consciência) antes que seja construído na prática” (Lessa, 2015, p. 22)

É a partir da causalidade dada, articulada com o pôr teleológico, que o homem irá colocar sua prévia ideação em prática, sair do mundo das ideias e adentrar no mundo material, ou seja, transformar a subjetividade em objetividade. Quando a madeira é transformada em canoa ocorre a causalidade posta. No meio natural não é possível encontrar a canoa em sua forma real, porém, através do trabalho teleológico, o homem transformou a madeira em canoa. Enfim, transformou a causalidade dada em causalidade posta. É neste momento que ocorre o processo de objetivação e exteriorização.

Vale destacar que “Independentemente de ser posta ou não, a essência da causalidade ... permanece inalterada” (Lessa, 2013, p. 63). “Os objetos naturais continuam sendo objetos naturais e “somente através do trabalho é que podem ser postos em movimento, podem ser convertidos em coisas úteis”. (Lukács, 2012 p. 286) A madeira, ao ser transformada em barco ou em qualquer outro objeto, (princípio de automovimento) não deixa de ser madeira, ou seja, mantém sua essência (repousa em si mesmo). Também merece destaque o fato de que a causalidade antecede a teleologia. A madeira está na natureza, quer o ser tenha consciência ou não. Portanto, é no ser social, a partir do trabalho, que causalidade e teleologia tem uma coexistência concreta.

3.3 Objetivação e exteriorização

A objetivação é o momento em que a prévia ideação se transforma em prática, é onde o ser social materializa sua subjetividade, ou seja, é o momento de transformação do real com base em uma ideação, em si singular e abstrata (Lessa, 1992) A objetivação:

articula a idealidade da teleologia com a materialidade do real sem que, por esta articulação, a teleologia e a causalidade percam suas respectivas essências, deixem de ser ontologicamente distintas. Nesse sentido, no interior do trabalho a objetivação efetiva a síntese, entre teleologia e causalidade, que funda o ser social enquanto causalidade posta. (Lessa, 2013, p. 65)

Neste sentido, a objetivação pode ser entendida como o “processo que articula a conversão do idealizado em objeto, sempre com a transformação de um setor da realidade” (Lessa, 2015, p.23) Nosso pescador, depois de pensar nas especificidades de sua canoa (teleologia), encontrar o material necessário para construí-la (causalidade), articular como irá esculpi-la na madeira específica (prévia ideação), finalmente materializa, ou seja, objetiva seu objeto, portanto, altera o mundo real. Neste processo de construir objetividade, o pescador talvez se depare com imprevistos que não estavam em seu ideal, assim precisará adquirir novos conhecimentos e habilidades, isto é, não será mais o mesmo, terá sua consciência transformada (Lessa & Tonet, 2011).

A armadilha que, após objetivada, foi denominada canoa, depois de construída, não é mais uma ideia, é uma realidade, um objeto concreto. Ela é palpável, visível, útil para a reprodução do ser social. Portanto, neste momento, a objetivação se converte na exteriorização:

A exteriorização é esse momento do trabalho através do qual a subjetividade, com seus conhecimentos e habilidades, é confrontada com a objetividade a ela externa, à causalidade. Por meio deste confronto, pode não apenas verificar a validade do que conhece e de suas habilidades, como também pode desenvolver novos conhecimentos e habilidades que não possuía anteriormente (Lessa 2015, p. 24)

Desta maneira, na exteriorização do objeto, ou em outros termos, na materialização do real, que é o resultado final do trabalho, é o momento em que ocorre a distinção ontológica entre sujeito e objeto. Enquanto estava na prévia ideação, ou seja, na mente do seu criador, era impossível distinguir homem e barco. Após a materialização, homem e barco já não são mais os mesmos, são ontologicamente distintos.

Neste sentido, a exteriorização é resultado da articulação entre teleologia, causalidade e prévia ideação, que se encontram somente no gênero humano e se articulam somente a partir do trabalho. É somente no gênero humano que existe a consciência da necessidade de se produzir o novo, que resulta na reprodução de sua existência. A partir do trabalho se desenvolvem novas necessidades, que resultam na criação de novos complexos sociais, porém, essa complexidade de complexos tem sua gênese no trabalho.

A partir da canoa, o homem pode pensar em um mundo para além da correnteza, pode desenvolver apetrechos de pesca até então inimagináveis. A construção da canoa também permitiu que outros complexos sociais surgissem, como a educação (ensinar a construir canoas), a arte (cantar sobre pesca) etc. Neste exemplo, a grossíssimo modo, mostramos como a partir do trabalho se desenvolvem novos complexos sociais, como a educação e a arte, tornando o homem um ser cada vez mais social:

É certo que, para Marx, o trabalho é a categoria ontológico-primária do ser social. Mas, também é certo que, para ele, o ser social não se reduz ao trabalho. O processo social é, segundo ele, um contínuo afastamento das barreiras naturais, ou seja, um processo através do qual o ser social se torna cada vez mais social (Tonet, 2016, p.20)

Portanto, a partir do trabalho se desenvolvem outras categorias da sociabilidade humana. Não necessariamente se trata de quem vem primeiro em um sentido cronológico, mas do fato de que o trabalho origina uma complexificação do ser social, e a partir desta complexificação surgem necessidades e problemas que não podem ser resolvidos pelo trabalho, mas sua origem está no trabalho. Portanto:

O ser social é um conjunto de complexos cuja reprodução não se restringe ao trabalho, mas se reproduz na relação de interação com os complexos parciais relativamente autônomos, sendo estes a educação, a linguagem, a ciência, dentre outros, que permitem a relação de mediação com o complexo do trabalho a fim de elevar níveis cada vez mais superiores de desenvolvimento do ser social. (Santos, 2020, p. 49)

3.4 Trabalho abstrato

Todavia, com a evolução da sociedade, em especial da sociedade capitalista, a complexificação social evoluiu de tal maneira que a relação do homem com a natureza se torna cada vez mais distante, e o surgimento de novas atividades podem colocar dúvidas sobre a centralidade do trabalho na organização e na transformação social. É neste sentido que se faz necessário esclarecer o conceito de trabalho abstrato, ou seja, o trabalho com valor de troca, que “corresponde à submissão dos homens ao mercado capitalista, forma social que nos transforma a todos em “coisas” (reificação) e articula nossas vidas pelo fetichismo da mercadoria” (Lessa, 2012, p. 26).

Existe uma divergência clara entre os conceitos de trabalho concreto, que é protoforma da atividade humana, e o trabalho abstrato, resultado das ações inerentes ao sistema capitalista.

Há uma clara distinção entre trabalho abstrato e trabalho: o primeiro é uma atividade social assalariada, alienada pelo capital. Corresponde à submissão dos homens ao mercado capitalista, forma social que nos transforma a todos em “coisas” (reificação) e articula nossas vidas pelo fetichismo da mercadoria. O trabalho, pelo contrário, é a atividade de transformação da natureza pela qual o homem constrói, concomitantemente, a si próprio como indivíduo e a totalidade social da qual é partícipe (Lessa, 2012, p. 26)

O trabalho abstrato (o que conhecemos atualmente como “emprego”) tem valor de troca, sendo este uma necessidade para a reprodução do sistema capitalista, e não para a reprodução do ser social. Trata-se da exploração do homem pelo homem, sendo esta a protoforma da sociedade capitalista. No atual contexto da sociedade predomina o trabalho abstrato, que deixa de ser a mediação entre homem-natureza e torna-se o meio “o meio pelo qual o capital é criado. É por meio do trabalho acumulado que o capital se desenvolve produzindo riqueza para a classe dominante e miséria para os explorados” (Andrade et al, 2020, p. 3)

Lessa (2012) atenta ainda para o fato de que atualmente, com a reestruturação produtiva, predomina o trabalho abstrato. Portanto, devemos ser categóricos quanto a distinção da categoria trabalho como fundante do mundo dos homens e o trabalho alienado pelo capital, uma vez que se usa a mesma palavra para representar as duas categorias. Neste sentido, na visão Lukacsiana, trabalho e trabalho abstrato (emprego) são categorias distintas.

Portanto, Lukács, em sua ontologia, resgata o trabalho enquanto categoria fundante do ser social, definido como “o complexo que cumpre a função social de realizar o intercâmbio material do homem com a natureza, é o conjunto de relações sociais encarregado da reprodução da base material da sociedade” (Lessa, 2012 p. 28), ou melhor, o trabalho concreto, que se contrapõe ao trabalho abstrato. Nesta lógica, o trabalho é uma condição vital e eterna do ser social. (Alves et al., 2014). Entretanto, ao compreender a gênese do ser social, pautada no trabalho ontológico, e comparando-a com as tendências atuais “nos dará condições de reproduzir idealmente seu movimento [do ser social] e perceber as possibilidades reais da emancipação do gênero humano” (Almeida, 2017, p.13).

4. Considerações Finais

Neste estudo buscamos reafirmar a centralidade do trabalho na gênese do ser social, uma vez que é a partir do trabalho que o homem produz a riqueza material que permite reproduzir a sua existência. Para o melhor entendimento do conceito de trabalho do ponto de vista da ontologia do ser social, fez-se necessário distinguir o trabalho do trabalho abstrato, no qual o primeiro é essencial para a reprodução da humanidade, enquanto segundo é uma condição inerente ao desenvolvimento do capital.

Para entender o trabalho do ponto de vista lukacsiano fizemos uma análise da estrutura interna do trabalho, no qual entendemos que este é resultado da articulação entre a causalidade existente e o pôr teleológico. A partir da teleologia o homem conseguiu distinguir suas necessidades primárias sociais das necessidades biológicas, o que o permitiu a construção de riqueza material, essencial para a reprodução do ser social. A partir da produção material se desenvolveram novos complexos sociais, que, embora distintos, mantêm uma relação ontológica com o trabalho.

Com isso, buscamos reafirmar que a gênese do mundo dos homens está no trabalho, que é a protoforma para as demais atividades sociais. Entendemos que o "trabalho é a raiz do ser social e que, portanto, toda transformação radical da sociedade pressupõe, necessariamente, uma alteração essencial na natureza dessa atividade" (Tonet, 2020). A essência do homem (o trabalho) não é uma dádiva divina e sim por ele mesmo construída, é possível, a partir do entendimento do sentido ontológico do trabalho, pensar em uma sociabilidade para além do capitalismo.

Portanto, este estudo visa contribuir com a divulgação da ontologia do ser social, principalmente para estudantes que iniciam sua jornada pelo marxismo. Procuramos fazer uma abordagem conceitual do trabalho como ato fundante do mundo dos homens de forma simples, clara e didática, uma vez que buscamos apresentar uma introdução ao método ontológico. Contudo, é um estudo bem fundamentado, que foge de qualquer aspecto vulgar. Assim sendo, este estudo traz uma importante contribuição para o entendimento da categoria trabalho, principalmente para aqueles que buscam uma leitura introdutória ao método lukásiano da ontologia do ser social.

Referências

- Almeida, E. R. (2017). *O papel da produção social na gênese, no desenvolvimento e no devir do gênero humano*. Tese (doutorado) pós graduação em educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Almeida, E. R., & Almeida, I. F. (2021). Trabalho e aprendizagem: o direito às mediações. *Ciência em movimento*, 23(46), 17-26.
- Alves, A. K. da S., Gonçalves, R. M. de P., & Costa, F. J. F. (2017). Trabalho e ser social: uma reflexão ontológica do trabalho na relação homem x natureza. *Revista Labor*, 1(12), 78-87.
- Andrade, A. L. R., Monteiro, A. de O., Jucá, S. C. S., & da Silva, S. A. (2020). Trabalho e educação em Karl Marx: a contradição do trabalho intelectual e manual no processo educativo. *Research, Society and Development*, 9(1), e13911489.
- Barbosa, F. G. (2016). *Estatuto ontológico do conhecimento em Lukács: uma análise a partir da obra prolegômenos para uma ontologia do ser social*. Tese (doutorado) pós graduação em educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Barbosa, F. G., Jimenez, M. S. V., & Rabelo, J. J. (2017). O estatuto ontológico do conhecimento em Lukács e a crítica ao irracionalismo. *Revista Eletrônica Arma da Crítica*, Fortaleza, 7(8), 141-155.
- Bonacini, A. L. A. (2016). A ontologia do ser social e a necessidade da emancipação humana. *Serviço Social & Realidade*, 25(2).
- Godoy, A. S. (1995) Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de administração de empresas*, 35, 57-63
- Lessa, S. (1992) Lukács: trabalho, objetivação, alienação. *Trans/Form/Ação*, 15, 39-51.
- Lessa, S. (2001) Lukács e a ontologia: uma introdução. *Outubro Revista*, 5(1), 89-100.
- Lessa, S. (2012) *Mundo dos homens: trabalho e ser social*. Instituto Lukács.
- Lessa, S. (2015) *Para compreender a ontologia de Lukács*. (4a ed.), Instituto Lukács.
- Lessa, S. Tonet, I. (2011). *Introdução à filosofia de Marx*. (2a ed.), Expressão Popular.

Lukács G. (2012). *Para uma ontologia do ser social I*. Boitempo.

Lukács G. (2016). *Para uma ontologia do ser social II*. Boitempo.

Marx, K. (2009) *A ideologia alemã*. Expressão Popular.

Marx, K (2015). *O Capital-Livro 1: Crítica da economia política: O processo de produção do capital*. Boitempo Editora.

Neto, J. P. (2011). *Introdução ao estudo do método de Marx*. Expressão Popular.

Santos, S.C.M (2020) Trabalho, educação e emancipação humana: uma análise ontológico-marxiana. *Revista eletrônica arma da crítica* n.13/maio.

Saviani, D. (2007). Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista brasileira de educação*, 12, 152-165.

Tonet, I (2013) *Método científico: uma abordagem ontológica*. Instituto Lukács.

Tonet, I. (2016) *Educação contra o capital*. UFAL.

Tonet, I. (2020) Lukács: trabalho e emancipação humana. Em Alcântara & Gimenez (Org) *Anuário Lukács 2020*. (p. 83-100) Instituto Lukács.